

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Formação Docente nas Dimensões Ética, Estética e Política



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Formação Docente nas Dimensões Ética, Estética e Política

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F723 A formação docente nas dimensões ética, estética e política 1
[recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. –
Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Formação Docente
nas Dimensões Ética, Estética e Política; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-568-6

DOI 10.22533/at.ed.686190209

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Ética. 3. Professores –
Formação – Brasil. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra “A formação Docente nas Dimensões Éticas, Estética e Política 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Atualmente, o modelo de desenvolvimento econômico, o processo de globalização, os avanços tecnológicos, que geram rápidas e constantes mudanças em todos os setores da sociedade, têm exigido das instituições, principalmente da escola, maior eficácia, produtividade, qualidade e competitividade, suscitando a necessidade de profissionais competentes e atualizados, capazes de assumir os diferentes papéis no mercado de trabalho e no contexto em que vivem.

Os saberes adquiridos nas formações iniciais já não oferecem suporte para exercer a profissão com a devida qualidade, como acontecia até pouco tempo, conforme alude Lévy (2010, p.157): “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início do seu percurso profissional, estarão obsoletas no fim da sua carreira”.

Na atividade docente torna-se ainda mais premente que ocorra a formação continuada, pois o ofício de professor não é imutável, suas mudanças incidem principalmente pelo surgimento e a necessidade de atender as “novas competências”. Este ofício vem se transformando, exigindo: prática reflexiva, profissionalização, trabalho em equipe e por projetos, autonomia e responsabilidades crescentes, pedagogias diferenciadas, sensibilidade à relação com o saber e com a lei. Tudo isso leva a um repensar da prática e das competências necessárias para o desempenho do papel de educador.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

Conforme Imbernón (2001) a formação continuada, entendida como fomento do desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores, eleva o trabalho para que ocorra a transformação de uma prática. Tal prática está para além das atualizações científicas, didáticas ou pedagógicas do trabalho docente. A formação continuada supõe uma prática cujo alicerce é balizado na teoria e na reflexão para a mudança e a transformação no contexto escolar. Dessa forma, os professores passam a ser protagonistas de sua história, do seu fazer pedagógico, e de uma prática mobilizadora de reflexão sobre tudo o que vêm realizando (Nóvoa 1999; Schon 1997).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem

provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola em sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade. Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A (RE)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS PEDAGÓGICA: DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO	
Ayala de Sousa Araújo Anderson Nildo dos Santos de Jesus Rafaela Caroline Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.6861902091	
CAPÍTULO 2	10
A CONTRIBUIÇÃO DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO CICLO ALFABETIZADOR, EM SERRA DO MEL-RN	
Themis Gomes Fernandes Maria Kéllia de Araujo Francisca Erenice Barbosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6861902092	
CAPÍTULO 3	24
A EDUCAÇÃO EM SAÚDE PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS: UM OLHAR SOBRE A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Manoel Messias Santos Alves Bruno Meneses Rodrigues José Elyton Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6861902093	
CAPÍTULO 4	38
A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA PARA JOVENS E ADULTOS NO SÉCULO XIX NA PROVÍNCIA DE SERGIPE	
Maria dos Prazeres Nunes Simone Silveira Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.6861902094	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA NA DOCÊNCIA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	
Adeilton Santana Nogueira Éverton Gonçalves de Ávila Vera Maria dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6861902095	
CAPÍTULO 6	59
A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Viviane Novaes de Souza Leandro dos Santos Camila Mota Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6861902096	
CAPÍTULO 7	69
A LITERATURA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Nailson dos Santos Almeida Suely Cristina Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6861902097	

CAPÍTULO 8	80
A POPULARIZAÇÃO DAS ATIVIDADES CIENTÍFICAS EM FUNÇÃO DA ASTRONOMIA SOLAR	
Caio Crespo Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6861902098	
CAPÍTULO 9	89
A PROBLEMÁTICA DO <i>BULLYING</i> NA ESCOLA: REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A GESTÃO E A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	
Lucyvânia D'arc Duarte Ribeiro	
Raimunda Rita de Cássia Nascimento Silva	
Sandra de Sousa Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.6861902099	
CAPÍTULO 10	98
A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO: AS CONCEPÇÕES QUE NORTEIAM OS DISCURSOS DOS PROFISSIONAIS NO COTIDIANO ESCOLAR	
Paloma Rezende de Oliveira	
Joselaine Cordeiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.68619020910	
CAPÍTULO 11	111
ABORDAGEM DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA PRESENTE NO CONTEÚDO GENÉTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA	
Franciane Silva Lima	
Hellen José Daiane Alves Reis	
Andréa Martins Cantanhede	
DOI 10.22533/at.ed.68619020911	
CAPÍTULO 12	123
AS COMPETÊNCIAS DO GESTOR EMPREENDEDOR PARA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS PELOS PROFESSORES E ALUNOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Ada Mônica Santos Brito	
DOI 10.22533/at.ed.68619020912	
CAPÍTULO 13	134
ATUALIZAÇÕES DIDÁTICAS: DE TRAJANO À FOTOGRAFIA INTELIGENTE	
Adeilton Santana Nogueira	
Éverton Gonçalves de Ávila	
Daniel Bramo Nascimento de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.68619020913	
CAPÍTULO 14	146
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL CONCEPÇÕES E PRÁTICAS	
Danise Vivian Gonçalves dos Santos	
Eunice Maria da Silva	
Renata Aparecida Dias Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.68619020914	

CAPÍTULO 15	158
BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: A IMPORTANCIA DA EMPATIA E DA PERCEPÇÃO	
Vinícius Lurentt Bourguignon	
DOI 10.22533/at.ed.68619020915	
CAPÍTULO 16	195
BLOCOS DE MONTAGEM COMO ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	
Camila Mendonça Romero Sales	
Arthur Rezende da Silva	
Diego da Silva Sales	
Aline Pires Vieira de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.68619020916	
CAPÍTULO 17	203
CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DE SI: COMPARTILHANDO O TRABALHO NAS TURMAS DE AEE	
Andréa de Sá Rocha Nogueira	
Geórgia Oliveira Costa Lins	
Hildiana Maria Gomes Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.68619020917	
CAPÍTULO 18	213
DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO BRASILEIRO NO SÉCULO XXI: DO QUADRO À TELA	
Elizabeth Danziato Rego	
DOI 10.22533/at.ed.68619020918	
CAPÍTULO 19	227
DIÁLOGOS ENTRE CINEMA, FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E INFÂNCIA	
Larissa Ferreira Rodrigues Gomes	
Fabiola Alves Coutinho Gava	
Maria José Rassele Soprani	
DOI 10.22533/at.ed.68619020919	
CAPÍTULO 20	236
EDUCAÇÃO E EMPODERAMENTO UM ATO DE INCLUSÃO	
Maria Aparecida dos Santos Siqueira	
Julia Tadeu Silva dos Santos e Paula	
DOI 10.22533/at.ed.68619020920	
CAPÍTULO 21	247
EDUCAÇÃO RURAL EM SERGIPE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Leandro dos Santos	
Viviane Novaes de Souza	
Elisson Souza de São Jose	
DOI 10.22533/at.ed.68619020921	

CAPÍTULO 22 257

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID BIOLOGIA DA UFRR

Wilma Lima Lira

Jairo Ferreira de Oliveira

Lucilia Dias Pacobahyba

Maria Aparecida Neves

Silvana Tulio Fortes

DOI 10.22533/at.ed.68619020922

SOBRE A ORGANIZADORA..... 267

ÍNDICE REMISSIVO 268

A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NA ESCOLA: REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A GESTÃO E A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Lucyvânia D'arc Duarte Ribeiro

Licenciada plena em Pedagogia; Especialista em Coordenação Pedagógica e Mestre em Ciência da Educação. Macapá/Amapá

Raimunda Rita de Cássia Nascimento Silva

Licenciada em Pedagogia, Especialista em Coordenação Pedagógica. Macapá/Amapá

Sandra de Sousa Duarte

Bacharel em Marketing e Propaganda; Especialista em Coordenação Pedagógica; Mestre em Ciência da Educação e Licenciada em Pedagogia. Macapá/Amapá

RESUMO: O *Bullying* é um fenômeno resultante da intolerância no contexto social, e vem se instalando nos ambientes escolares. Por isso, é necessária a integralização da gestão e coordenação pedagógica num olhar mais observante, buscando estratégias que envolvam toda a comunidade escolar no combate a esta desagradável realidade. A metodologia deste trabalho, que trata de reflexões e desafios da gestão e da coordenação pedagógica diante do fenômeno do *Bullying* nas escolas, fundamenta-se na revisão bibliográfica acerca do tema destacando sua centralidade no contexto escolar. Enfim constatou-se que o trabalho coletivo entre gestão e coordenação pedagógica traz importantes resultados as ações educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Gestão. Coordenação Pedagógica. Escola. Ações.

THE PROBLEM OF BULLYING IN SCHOOL: REFLECTIONS AND CHALLENGES FOR MANAGEMENT AND PEDAGOGICAL COORDINATION

ABSTRACT: Bullying is a phenomenon resulting from intolerance in the social context, and has been installed in school environments. Therefore, it is necessary to integrate pedagogical management and coordination in a more observant look, seeking strategies that involve the entire school community in the fight against this unpleasant reality. The methodology of this work, which deals with reflections and challenges of pedagogical management and coordination in the face of the Bullying phenomenon in schools, is based on the bibliographic review of the theme highlighting its centrality in the school context. Finally it was verified that the collective work between management and pedagogical coordination brings important results the educational actions.

KEYWORDS: Bullying. School management. Pedagogical coordination. School. Actions.

INTRODUÇÃO

Este trabalho fundamenta-se em uma revisão bibliográfica, e tem como tema “A problemática do *Bullying* na escola: reflexões e desafios para a gestão e a coordenação pedagógica”, pois reconhece que este fenômeno tem apresentado uma incidência preocupante no contexto escolar, de modo a motivar debates e discussões entre profissionais da educação nos mais diversos níveis de ensino.

No que tange a gestão e a coordenação pedagógica constata-se que essa preocupação tem sido cada vez mais acentuada, pois compete a estas a administração e solução de conflitos resultantes da prática do *Bullying* no contexto escolar.

Por essa razão, o estudo se faz necessário para auxiliar a comunidade escolar a compreender as implicações do *Bullying* nas escolas. Para facilitar a leitura e reflexão sobre o assunto, abordamos na primeira seção um breve histórico do *Bullying* no espaço escolar retratando a origem dessa prática e as pesquisas iniciais em torno de seu desenvolvimento. Além disso, apresenta-se o conceito de *Bullying* e estudos realizados pela ABRAPIA (Associação Brasileira de Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência) e o *Bullying* no espaço escolar, situações e características relacionadas aos tipos de agressões mais recorrentes nesse contexto.

A segunda seção vem abordando o *bullying* no espaço escolar, situações e características relacionadas aos tipos de agressões mais recorrentes nesse contexto.

E finalmente na terceira seção relata-se o desafio da problemática do *bullying* na escola, fazendo destaque para a ação integralizada que deve haver entre a gestão e a coordenação pedagógica, o qual se sugere reflexões e os cuidados relevantes para conduzir a temática no contexto escolar, aliando o bem educar da família e a integralização da comunidade escolar.

A escola é um ambiente que permite a aprendizagem e a socialização entre os sujeitos, contudo as afinidades estabelecidas nesse espaço vêm sofrendo um aspecto conflituoso, gerando um clima de tensão nos indivíduos que o compõe. Esse aspecto conflituoso parece estar evoluindo a proporções que acabam caracterizando a presença do *bullying* nesse espaço de formação. Isso tem levado alguns alunos a se sentirem desmotivados, perdendo o encanto de estar no ambiente escolar. Esse é o cenário do *bullying* que vem transformando a escola num ambiente desconfortável. O *bullying* é um fenômeno que muitas vezes vem sendo confundido com a indisciplina, e passa a ser ignorado pelos profissionais da escola, pelo fato de a indisciplina ser uma prática até certo ponto comum no cotidiano da escola. Portanto todas essas questões tornam este estudo relevante para a reflexão de ações coletivas entre gestão e coordenação pedagógica na superação dessa problemática tão real quanto preocupante nas escolas.

UM BREVE HISTÓRICO DO *BULLYING*

As práticas violentas no ambiente escolar em diversas partes do mundo têm motivado numerosas discussões acerca do *Bullying*, principalmente sobre a sua definição, percebendo-se uma visão sobre as práticas cruéis que envolvem direta e indiretamente a comunidade escolar e a sociedade.

O Termo *Bullying*, palavra de origem inglesa, sem tradução ainda na Língua Portuguesa, tem como raiz a palavra *Bully*, o que significa mexer, tocar, bater, soquear, zombar, caçoar, tripudiar, brigão, ridicularizar, colocar apelidos, colocar em dúvida a masculinidade ou a feminilidade de alguém. Para Chalita (2008, p. 81):

A palavra *Bullying* é um verbo derivado do adjetivo inglês *Bully*, que significa valentão, tirano. É o termo que designa o hábito de usar a superioridade física para intimidar, tiranizar, amedrontar e humilhar outra pessoa. A terminologia é adotada por educadores, em vários países, para definir o uso de apelidos maldosos e toda forma de atos desumanos empregados para atemorizar, excluir, humilhar, desprezar, ignorar e perseguir os outros.

Esse conceito significa que a prática da violência é motivada por diversas causas e normalmente tem por finalidade atingir a moral da vítima. Trata-se de um ato que não escolhe classe social ou econômica, e pode estar presente em grupos de crianças e jovens de todo o mundo, pesquisadores definem o fenômeno *Bullying* como violência moral (adaptação do francês assédio moral). (GOMES; SANZOVO, 2013).

Na década de 1970 começaram a ser desenvolvidos estudos e pesquisas sobre o tema. O pesquisador pioneiro destas investigações relacionadas às condutas agressivas foi o doutor em Medicina (sueco) Peter-Paul Heinemann. Na mesma década ocorreram os estudos do professor e pesquisador de psicologia Dan Olwues, realizados na Universidade de Bergan-Noruega (1973/1978), que tinha como critérios nas suas primeiras investigações detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo, seu estudo chegou a concluir que 5% dos alunos eram vítimas de maus-tratos. Ainda houve um terceiro pesquisador, o sueco psicólogo Anatol Pikas no período de 1975 a 1976, onde suas pesquisas se preocupavam com a prevenção de atos relacionados à violência tanto física quanto psicológica. (BEANE, 2010).

Foi dessa maneira que a partir da década de 1970, que o problema passou a ser estudado com maior interesse pela comunidade científica internacional, no entanto a população só despertou a atenção sobre o assunto depois de pouco mais de uma década, em 1982, após um trágico acontecimento que ganhou repercussão nos jornais noruegueses da época, com o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, vítimas de maus-tratos, o que fez com que o ministério da educação da Noruega criasse uma campanha contra o *Bullying* nas escolas, a primeira a ocorrer em todo o mundo, e foi assim que surgiu o *Programa de Prevenção de Bullying*

Olweus desenvolvido por Olweus e Ronald. (CHALITTA, 2008, p. 26).

Aconteceu ainda um marco importante denominado de *Manifesto contra o Bullying* de onde nasceram dois programas: o *Programa Olweus* e a *Tolerância Zero*. Este último parte da premissa de que uma agressão proativa visa à obtenção de recompensas. (GOMES; SANZOVO, 2013, p. 58).

A partir dos primeiros estudos e pesquisas tornou-se constante a preocupação com o problema do *Bullying* em âmbito internacional, aconteceram diversas mobilizações como a realização de simpósios e conferências internacionais, como a da União Europeia em 1978 com a criação e o aperfeiçoamento do programa *antibullying*. Logo em seguida se estendeu para outros países havendo mobilização do governo Norueguês que fizera campanha nacional em combate ao *Bullying*. (CHALITTA, 2008).

Os primeiros estudos sobre *bullying* escolar realizados no Brasil, além de restritos à esfera municipal, apenas refletiam os trabalhos europeus existentes até o momento. No Brasil, assim como reflexo dos trabalhos europeus, podemos encontrar alguns estudos sobre *BULLYING* no ambiente escolar, realizadas recentemente.

Em primeiro podemos citar o trabalho realizado pela Prof.^a Marta Canfield e colaboradores (1997), em que as autoras procuraram observar os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças em quatro escolas de ensino público em Santa Maria (RS), usando uma forma adaptada pela própria equipe do questionário de Dan Olweus (1989). Em segundo as pesquisas realizadas pelos Profs. Israel Figueira e Carlos Neto, em 2000/2001, para diagnosticar o *BULLYING* em duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro, usando uma forma adaptada do modelo de questionário do TMR. Em terceiro as pesquisas realizadas pela Prof.^a Cleodelice Aparecida Zonato Fante, em 2002, em escolas municipais do interior paulista, visando ao combate e à redução de comportamentos agressivos. Em 2002 e 2003, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) realizou uma pesquisa em 11 escolas municipais do Rio de Janeiro e um dos dados levantados que surpreendeu a todos foi que as ocorrências de *bullying* aconteceram, na sua maioria, em sala de aula (60,2%).

A escola sofre com os reflexos do mundo moderno. Como aponta Fante (2005), desde a década de 70 do século XX, começou-se a observar um aumento da violência escolar e isso, atualmente, só tem se agravado e mostrado em maior intensidade. Para a autora, as razões para isso são muitas, entre as quais podemos citar as desigualdades sociais, a diminuição da autoridade paterna e o distanciamento da mulher do lar, sob o efeito do ingresso no mercado de trabalho; a sensação de impunidade; o aumento de consumo e do tráfico de drogas e o conseqüente aliciamento de crianças para o trabalho no tráfico, etc.

Nesse caso, é necessário que todos os envolvidos como vítima, agressor, pais e demais integrantes da escola tenham a consciência a existência do *bullying* e que ele é mais antigo do que pensamos. Esse tipo de violência pode surgir em

qualquer ambiente social e vem, também, silenciosamente, atacando nossas escolas, independentemente de estas serem do setor público ou privado, do ensino fundamental e médio ou superior e/ou de serem localizada em ambiente considerado violentos.

No contexto histórico do *bullying* no Brasil mostra claramente que não só nos países europeus estão preocupados com estes atos agressivos com seus alunos, mas que as escolas brasileiras também estão mobilizadas e atentas a este ambiente hostil que vem se tornando bem mais comum que imaginamos.

Atualmente existem duas práticas de *bullying* nas escolas. Orson Camargo nos retrata que o *bullying* se divide em duas categorias: 1) *bullying* direto, que é a forma mais comum entre os agressores masculinos e 2) *bullying* indireto, sendo essa a forma mais comum entre mulheres e crianças, tendo como característica o isolamento social da vítima. Em geral, a vítima teme o (a) agressor (a) em razão das ameaças ou mesmo a concretização da violência, física ou sexual, ou a perda dos meios de subsistência. (CAMARGO, 2017).

As agressões entre os alunos são identificadas de várias formas como: empurrões, pontapés, insultos, espalhar histórias humilhantes, mentiras para implicar a vítima a situações vexatórias, inventar apelidos que ferem a moral e a dignidade, capturar e dificultar imagem (inclusive de internet), ameaçar por mensagens, por exemplo, e exclusão. Existe diferença de agressões entre meninos e meninas, sendo que os meninos os ataques mais comuns são as agressões física, os agressores costumam ameaçar e colocar medo em suas vítimas, e as meninas agressoras costumam espalhar rumores mentirosos, ou ameaçadores em contar segredos para causar mal-estar em suas vítimas.

Considerando-se que a maioria dos atos de *bullying* ocorre fora da visão dos adultos, que grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida, pode-se entender por que professores e pais e até mesmo a coordenação pedagógica nos ambientes escolares têm pouca percepção do *bullying*, subestimam a sua prevalência nas escolas brasileiras, estão atentas a estas modificações e já possuem estudos sobre estes atos e buscas de soluções para erradicar este movimento violento nas escolas.

GESTÃO E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: REFLEXÃO E DESAFIO PARA A PROBLEMÁTICA DO BULLYING

Em muitos casos de *Bullying*, a Gestão, a Coordenação Pedagógica e os outros profissionais que compõem a escola, não notam a perturbação, ou estão ausentes nos momentos em que se efetivam as agressões, fato este que induz os alunos a resolverem seus próprios conflitos, já que não há nenhuma pessoa que possa interferir por eles. Pelo fato de sofrer ameaças é comum que a vítima

esconda os acontecimentos para os professores e para os familiares, ou até adote o comportamento de isolamento.

Não raro alguns alunos são tomados pelo medo de que sua reputação seja ameaçada ou de provocarem o desdém ou a desaprovação dos agressores se alguém os vir em companhia do aluno alvo das gozações. Alguns temem se tornar à próxima vítima, e, dessa forma, o isolamento do aluno, alvo do *Bullying*, é fato consumado. (FANTE, 2005, p.49).

Muitas vezes por manter um complexo de inferioridade, e um sentimento de depreciação por si mesma, a vítima chega a estranhar quando sofre poucos insultos, pois em alguns casos, ele já tem internalizado que é merecedor das agressões, sente-se diferente dos outros colegas e isso faz com que ele se isole cada vez mais, diminuindo pouco a pouco as relações interpessoais na escola, pois alimenta uma ideia de menos valor para consigo próprio.

Segundo Olweus (1978) não há dúvida de que a maioria dos casos de *Bullying* acontece no interior da escola. Entretanto é imprescindível que a escola saiba distinguir os tipos de agressões e sua constância, para que não corra o risco de levantar um diagnóstico equivocado. O *Bullying* possui características próprias, são agressões constantes, acontecem por um período de tempo prolongado, e evidentemente são intencionais.

As pesquisas realizadas por Olweus apontam que não há relação entre o tamanho da escola e a frequência de casos de *Bullying*. Independentemente do tamanho da escola, da sala de aula e até mesmo de sua localização (urbana ou rural, central ou periférica), casos de *Bullying* foram identificados em todas elas. O local de ocorrência das agressões é majoritariamente o ambiente da escola. (CUBAS, 2006, p.182 e 183).

No passado, a preocupação da escola era apenas com o conteúdo programático, e a avaliação escolar. A escola precisa destacar-se também como um ambiente para trabalhar as relações interpessoais para o desenvolvimento global de crianças e jovens para uma vida adulta plena.

Segundo Vasconcellos (2004), existem, duas formas de conseguir superar as situações de *Bullying*; uma delas é por coação resultada de uma educação autoritária, ou pela convicção, na linha de uma educação dialético-libertadora. Ambas, apresentam aparentemente os mesmos resultados, mas as marcas que são deixadas nos sujeitos são completamente distintas.

A disciplina baseada no ato de coagir contribui para a formação de indivíduos passivos, obedientes, dependentes, imaturos e que não compreendem o contexto social no qual estão inseridos. Por outro lado, a disciplina construída por convicção, auxilia para formar sujeitos ativos, autônomos, responsáveis e que tem no diálogo a base de seu desenvolvimento. Dessa forma, Kamii nos retrata:

Se queremos que as crianças desenvolvam a autonomia moral, devemos reduzir nosso poder adulto, abstendo-nos de usar recompensas e castigos e encorajando-as a construir por si mesmas seus próprios valores morais (KAMII, 1996, p.109).

Para conseguir construir uma disciplina fundamentada na convicção, devem-se investigar quais são as causas do *Bullying* na escola, conhecendo a realidade na qual os alunos estão inseridos, bem como estabelecer um diálogo permanente com os familiares e com os demais membros que compõem o universo escolar significando que é preciso evitar a tendência de transferir a responsabilidade pelo *Bullying*. Vasconcellos explica,

Os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais (que não dão limites), que culpam os professores (que não são competentes) e a escola (que não tem pulso firme), que culpa o sistema (que não dá condições) e assim por diante (2004, p. 92)

O papel da gestão escolar e da coordenação pedagógica é importante nesse aspecto principalmente por promover a autonomia dos professores em sala de aula, referindo-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar cooperativamente de projetos escolares para ter discernimento e organizar em metas/ações, estabelecendo critérios com princípios éticos, para os alunos mudarem de atitude no contexto escolar.

Antunes (2006, p. 25) afirma que “não ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”, expressando claramente que é papel do professor estabelecer os limites aos seus alunos, esclarecendo-os das diversas formas que o *Bullying* se configura e de que é uma questão de extrema importância a ser resolvida no ambiente escolar e familiar.

Portanto o aspecto principal para o desenvolvimento das metas e ações da gestão e coordenação pedagógica em relação a amenizar as práticas do *bullying* no contexto escolar, esta relacionada diretamente com a parceria família e escola, pois a partir dessa relação será mais fácil detectar e ajudar os alunos que sofrem agressões ou qualquer tipo de violência no ambiente da escola, sendo este um fator fundamental para a erradicação do fenômeno *bullying*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a revisão bibliográfica apresentada, percebe-se que se faz necessária a ação integralizada da gestão e da coordenação pedagógica para amenizar a prática do *Bullying* na escola e a obrigação de maior participação da família na formação educacional de seus filhos.

É importante na atual conjuntura analisar e refletir, a respeito do desafio que gestores e coordenadores enfrentam, sendo cada vez mais relevante a existência de uma postura coerente dos profissionais da educação quando confrontados com situações de *Bullying*.

O trabalho pedagógico desenvolvido pela gestão em parceria com a coordenação pedagógica sobre a existência de tal fenômeno vem alcançando êxito

no que diz respeito às discussões que visam estabelecer estratégias para, enfim, erradicar esta ameaça, que por muitas vezes vem se apresentando de forma velada (VASCONCELLOS, 2004).

Portanto, considera-se necessário que todos os profissionais no fazer pedagógico reflitam sobre os desafios que provoca a prática do *Bullying*, onde os princípios estejam voltados para um ensino e vivência da paz, para a superação da desigualdade social e da exclusão no ambiente escolar, respeitando os direitos e deveres dos alunos, além de se criar meios de reflexão por parte dos professores com relação ao fenômeno *Bullying*.

É essencial a escola se mobilizar com metas significativas para enfrentar essa ameaça no contexto escolar e superar esse fenômeno preocupante, o papel da integralização da gestão e coordenação pedagógica é conduzir estratégias e ações voltadas para solução deste fenômeno de agressões, vivenciados no ambiente escolar e a participação da família é primordial para que o aluno sinta-se acolhido, respeitado e valorizado em todos os aspectos para seu crescimento físico, psíquico e emocional, e caminhando juntos família e escola com certeza será uma das soluções para a erradicação do fenômeno *bullying*.

Sabendo-se das dificuldades nas transformações da escola, nos limites encontrados nessa pesquisa e do próprio recorte do objeto de estudo. Espera-se que esse estudo bibliográfico contribua futuramente para um melhor relacionamento interpessoal nas escolas, garantindo um ambiente harmonioso e propício para uma educação de qualidade, desta forma as promoções das referidas ações, devem contribuir para o combate ao *Bullying*.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. Associação Brasileira de Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre alunos**. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>. Acesso em 14/11/13.

ANTUNES, Celso. **Indisciplina e aprendizagem: Aspectos pedagógicos e didáticos**. Rio de Janeiro: Cortez, (coloque o ano que está no artigo)

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do Bullying**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2010.

CAMARGO, Orson. "Bullying"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>> Acesso em 22/03/17.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade – Bullying o Sofrimento das vítimas e dos agressores**. 5ª Edição São Paulo: Editora Gente, 2008.

CUBAS, Viviane de O. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: ANDHEP, 2006.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: VERUS, 2005.

GOMES, Luiz Flávio; SANZOVO Natália Macedo. **BULLYING e prevenção de violência NAS ESCOLAS quebrando mitos, e construindo verdades.** São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

JOAQUIM, Nelson. Direito Educacional Brasileiro. **História, Teoria e Prática.** Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

KAMII, Constance. **Atitudes de indisciplina na sala de aula.** Rio de Janeiro: Cortez, 1996.

OLWEUS, Dan. **Bullyng at School: what we know and what we can do.** Oxford: Blackwell Publishing, 1989.

VASCONCELLOS, C. A. **Violência escolar.** 2 Ed. São Paulo: Cortez, 2004

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 83, 84, 98, 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 156, 213, 217, 219

Aprendizagem 22, 57, 107, 145, 157, 192, 201, 212

C

Cultura 9, 27, 171, 192

D

Desafios 2, 3, 253

Diversidade 213, 255

Docência 225, 257, 258, 259, 260

E

EAD 133, 213, 236

Educação 1, 2, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 35, 36, 38, 45, 46, 47, 53, 57, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 78, 79, 80, 89, 99, 100, 101, 102, 109, 110, 112, 121, 122, 123, 124, 126, 131, 132, 133, 145, 146, 147, 148, 151, 156, 158, 193, 204, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 216, 218, 219, 220, 221, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 245, 247, 248, 253, 254, 255, 258, 260, 264, 265, 266, 267

Educação Sexual 267

Empoderamento 242

Ensino 10, 11, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 36, 40, 63, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 122, 123, 125, 151, 191, 192, 198, 202, 223, 227, 229, 258, 260, 265, 266

Escola 17, 38, 60, 61, 89, 96, 126, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 139, 140, 143, 145, 146, 238, 255, 259, 260, 261, 263

Estética 2, 5

Ética 2, 190, 192, 193

Experiência 257

F

Formação 2, 1, 2, 9, 10, 12, 13, 59, 68, 132, 213, 225, 227, 228, 229, 247, 257, 265, 267

G

Gênero 246

Gestão 10, 14, 89, 93, 110, 123, 132, 133, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 225, 265

I

Inclusão 1, 212, 255

Indivíduos 46

Informação 25, 51, 76

Intuir 134

L

Ler 142

M

Magistério 132

P

Pedagogia 9, 21, 23, 68, 70, 89, 96, 147, 151, 208, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 245, 255, 267

Perspectivas 253

Pesquisa 18, 19, 20, 36, 46, 100, 110, 123, 190, 212, 213, 225, 227, 255

Políticas 98, 133, 265

Práticas 59, 79

Processo 68, 135

Q

Qualidade 98, 101, 102, 110, 198, 199, 200

R

Respeito 29

S

Sexualidade 208, 209, 212, 267

T

Tecnologias 25, 76, 123, 132, 133, 213, 217, 219, 267

TIC 25, 30, 131, 133, 214, 217, 224

Trabalho 33, 45, 86, 133, 193, 195, 198, 200, 213, 218, 247

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-568-6

